

ADÉRITO SEDAS NUNES

*Manuel Braga da Cruz**

Adérito Sedas Nunes pertenceu à geração de católicos que preparou o advento da democracia em Portugal.

Como militante e dirigente da Juventude Universitária Católica, enquanto aluno de economia no ISCEF, da Universidade Técnica de Lisboa, envolveu-se activamente na preparação do I Congresso Nacional da JUC, em 1953, que preparou e realizou conjuntamente com Maria de Lourdes Pintassilgo, presidente da JUC feminina. Era ao tempo, assistente eclesiástico da JUC o futuro Bispo de Madarsuma, D. António dos Reis Rodrigues, e assistente eclesiástico da JUC feminina o jesuíta P. Domingos Maurício, redactor da *Brotéria* e membro da Academia Portuguesa da História.

O Congresso foi um importante momento na crescente reivindicação de uma Universidade mais livre e mais autónoma, mais responsável socialmente, mais aberta às novas exigências da sociedade portuguesa e mais democrática no seu acesso e na sua governação. E constitui, simultaneamente, uma importante ocasião para se reivindicar a criação de uma Universidade Católica Portuguesa, quebrando desse modo o monopólio do Estado no Ensino Superior em Portugal, só contrariado, à altura, pela existência em Braga da Pontifícia Faculdade de Filosofia, que viria a ser em 1967 a primeira unidade da então criada Universidade Católica Portuguesa¹.

O Congresso da JUC constitui um importante momento de encontro e reflexão de universitários sobre os problemas da universidade portuguesa. Foi uma experiência de associativismo e de participação na vida social, e de discussão política sobre universidade portuguesa, embora

* Professor Catedrático da Universidade Católica Portuguesa.

¹ Cf. as suas actas: *I Congresso Nacional da Juventude Universitária Católica. O pensamento Católico e a Universidade*, Lisboa, 1953.

não tenha sido apresentada como tal. Aí foram lançadas sementes de consciencialização de participação na vida pública, que haveriam de ter continuidade por ocasião da discussão em torno do 40.900 e nas crises académicas dos anos 60. Foi aí, também que o próprio Adérito Sedas Nunes iniciaria a sua reflexão sobre a Universidade em Portugal, que faria dele um dos maiores pensadores dos seus problemas e um dos maiores defensores da reforma da Universidade nas vésperas do 25 de Abril.

Adérito Sedas Nunes especializou-se desde cedo nos problemas sociais e nas questões de doutrina social, que começou a estudar no âmbito do Centro de Estudos Corporativos do Centro Universitário da Mocidade portuguesa, para onde entrara, logo em 1952, apenas terminada a sua licenciatura, e que o levaria, em 1956, à direção do Centro de Estudos do Ministério das Corporações.

Esta sua iniciação na problemática social e sociológica, fá-la como militante e dirigente católico através do conhecimento da Doutrina Social da Igreja. Os seus primeiros livros são precisamente sobre *Situação e problemas do corporativismo. Princípios corporativos e realidades sociais* (1954), e *Princípios de Doutrina Social* (1958), prefaciado pelo Bispo do Porto, D. António Ferreira Gomes, de quem se tornara admirador e amigo.

O contraste crescente entre os princípios da doutrina social da Igreja e as estruturas corporativas portuguesas, levou Adérito Sedas Nunes a tornar-se progressivamente num crítico do regime e do seu sistema corporativo.

Por outro lado, o aprofundamento teórico que ia fazendo das questões sociais, levou-o a descobrir a importância da sociologia, com ciência crítica da sociedade e como ciência do desenvolvimento. O Gabinete de Estudos Corporativos do Ministério transformou-se em Gabinete de Investigações Sociais, e a sua revista deu lugar, no começo dos anos 60, à revista *Análise Social* que Adérito Sedas Nunes irá dirigir, sucedendo a Pires Cardoso, e onde começará a publicar os seus primeiros artigos sociológicos, que reúne em 1968 em *Sociologia e Ideologia do Desenvolvimento*.

Adérito Sedas Nunes tornou-se progressivamente num crítico dos bloqueios do desenvolvimento da sociedade portuguesa, que analisou como sociedade dualista, e um defensor de um desenvolvimento que não fosse meramente económico, mas que atendesse às suas mais vastas dimensões sociais. Entre esses bloqueios analisou com particular detalhe e profundidade a universidade portuguesa, a cuja problema político

dedicou um livro em 1970, cuja situação analisou em novos livros que se seguiram. A crise da universidade e a sua necessidade de reforma mobilizaram a sua atenção em muitas intervenções no começo dessa década.

Colaborou em várias iniciativas de abertura e renovação da universidade portuguesa. Ensinou «Introdução às Ciências Sociais» no ISCEF, a partir dos anos 70, ajudou a criar a inovadora Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa, em 1972. Nesse mesmo ano, assumiu as funções de sub-director do ISCTE, onde iniciou uma licenciatura de ciências do trabalho que, a seguir ao 25 de abril, se transformará em licenciatura em Sociologia.

Com o advento do marcelismo, e a liberalização então desencadeada, aceitou ser Procurador à Câmara Corporativa, juntamente com muitos outros promotores da evolução na continuidade, entre as quais Maria de Lurdes Pintassilgo, acompanhando nesse foro a acção da “ala liberal” liderada por Sá Carneiro e Miller Guerra na Assembleia Nacional.

Após o 25 de Abril, não enjeitou responsabilidades administrativas e políticas, aceitando presidir à Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica (que daria lugar pouco depois à Fundação para a Ciência e Tecnologia) e ser Ministro da Coordenação Científica no governo presidencial de Maria de Lurdes Pintassilgo, juntamente com outros dirigentes católicos, como Sousa Franco (Finanças) e Bruto da Costa (Assuntos Sociais).

Tornou-se professor da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, e em 1982 conseguiu a integração na Universidade de Lisboa, do seu Gabinete de Investigações Sociais, então transformado em Instituto de Ciências Sociais, de que se torna órgão a revista *Análise Social*, por si dirigidos até ao seu afastamento, por motivos de saúde.

Viria a morrer prematuramente, em 1991, com 63 anos apenas.